

CRISE E RESISTÊNCIA DOS SISTEMAS INDUSTRIAIS LOCALIZADOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS NO ESTADO DE SÃO PAULO¹

SAMPAIO, José Eudázio Honório²
PEREIRA JÚNIOR, Edilson Alves³

Recebido (Received): 2018-03-13 Aceito (Accepted): 2018-11-20

DOI:

Resumo

O processo de reestruturação produtiva e territorial acarretou mudanças na configuração dos espaços industriais no Brasil, com efeito significativo sobre as dinâmicas de alguns sistemas industriais localizados. Face às modificações, as empresas passaram a buscar taxas de lucratividade mais ampliadas, sobretudo ao articular redes de relações que ultrapassaram certos limites territoriais e restabeleceram o papel de muitos agentes econômicos e políticos. O impacto dessas transformações é perceptível em novas áreas que recebem investimentos produtivos, mas também em espaços onde a produção industrial já era tradicional, como no estado de São Paulo. Para este artigo, buscamos compreender a dinâmica a partir da análise da indústria de calçados, em especial por se tratar de um dos gêneros produtivos que mais sofreu influência do processo de reestruturação. O recorte empírico seleciona os sistemas industriais localizados calçadistas de Jaú, Birigui e Franca, que após sofrerem com crises que ameaçaram sua continuidade, resistem às instabilidades ao articularem formas de produção fordistas e flexíveis, por meio da disjunção funcional das atividades em múltiplas escalas, conformando um complexo circuito espacial produtivo.

Palavras-chave: Reestruturação produtiva e territorial. Indústria de calçados. Estado de São Paulo. Sistemas industriais localizados. Resistência.

CRISIS AND RESISTANCE OF THE LOCATED INDUSTRIAL SYSTEMS : AN ANALYSIS FROM THE FOOTWEAR INDUSTRY IN THE STATE OF SÃO PAULO

Abstract

The process of productive and territorial restructuring have carted changes in the configuration of industrial spaces in Brazil, with a significant effect on the dynamics of some located industrial systems. Due to modifications, the companies started looking for increased profitability rates , especially in articulating networks of relationships that have surpassed certain territorial limits and have re-established the role of many economic and political agents. The impact of those transformations is perceptible in new areas, which receive productive investments, but also in spaces where industrial production was already traditional, as in the state of São Paulo. For this article, we seek to understand the dynamics starting from the analysis of the industry of shoes, in particular because it is one of the productive genres most influenced by the restructuring processes. The empirical cutting selects the industrial footwear systems located in Jaú, Birigui and Franca, thereupon suffering from several crises which threatened their continuity, they resist to instability in order to articulate Fordist and flexible forms of production, through the functional disjunction of activities at multiple scales, forming a complex productive space circuit.

Keywords: Productive and territorial restructuring. Footwear industry. State of São Paulo. Localized Industrial Systems. Resistance.

¹ Este trabalho foi apresentado no II SEMDE – II Seminário Dinâmica Econômica e Desenvolvimento, realizado em 2017, na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Presidente Prudente. Está vinculado ao projeto de pesquisa “Reestruturação territorial e produtiva da indústria de calçados no Brasil”, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (ProPGeo/UECE). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: eudazio.sampaio@aluno.uece.br.

³ Professor Adjunto na Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: edilson.junior@uece.br.

CRISE ET RÉSISTANCE DES SYSTÈMES INDUSTRIELS LOCALISÉS : UNE ANALYSE DE L'INDUSTRIE DE LA CHAUSSURE À L'ÉTAT DE SÃO PAULO

Résumé

Le processus de restructuration productive et territoriale a entraîné des changements dans la configuration des espaces industriels au Brésil, avec un effet significatif sur la dynamique de certains systèmes industriels localisés. Face aux changements, les entreprises ont commencé à rechercher des taux de rentabilité plus élevés, notamment en articulant des réseaux de relations dépassant certaines limites territoriales et en rétablissant le rôle de nombreux agents économiques et politiques. L'impact de ces transformations est perceptible dans les nouvelles zones qui bénéficient d'investissements productifs, mais aussi dans les espaces où la production industrielle était déjà traditionnelle, comme dans l'État de São Paulo. Pour cet article, nous cherchons à comprendre la dynamique à partir de l'analyse de l'industrie de la chaussure, en particulier pour examiner une des de l'un des genres productifs qui a été le plus influencé par le processus de restructuration. La coupure empirique sélectionne les systèmes industriels localisés de chaussures qu'après des crises qui menaçaient sa continuité, résistent aux instabilités en articulant des formes de production fordistes et flexibles, par la disjonction fonctionnelle d'activités à plusieurs échelles, formant un complexe circuit spatial productif.

Mots-clé : Restructuration productive et territoriale. Industrie de la chaussure. État de São Paulo. Systèmes industriels localisés. Résistance.

1 Introdução

As alterações que resultaram da crise sofrida pelo regime de acumulação fordista desde a década de 1970 tiveram reflexos nos processos produtivos industriais, incorrendo em reestruturação de inúmeros componentes da fabricação de bens e mercadorias. Estes efeitos foram sentidos no Brasil a partir da década de 1990, quando se deu uma redefinição de linhas de produção nas fábricas, não sem atingir o papel dos agentes envolvidos na produção industrial, acirrando a competitividade entre as empresas.

Na indústria de calçados, a partir de um processo de disjunção funcional (FISCHER, 1994), foi estabelecido um novo mapa da produção para o Brasil, mediante a utilização de lugares que pudessem atender às demandas de lucratividade e competitividade empresarial. Com isso, dimensões econômicas, políticas e ideológicas, combinadas num arranjo espacial, ganharam um aspecto funcional, como algo que demarcou a própria produção do território como uma estratégia competitiva. Como resposta às novas demandas, as empresas industriais passaram a fazer uso de uma produção flexível e o impacto foi sentido sobre as relações de trabalho e na conformação espacial das regiões industrialmente consolidadas.

Face à materialização dessa nova realidade, buscamos compreender como se configura a indústria de calçados no estado de São Paulo, no contexto da reestruturação produtiva e territorial vigente no Brasil dos últimos vinte anos. São aspectos transformadores da relação espaço, engenharias de produção, trabalho e circulação material e imaterial, que estimulam a

pensar os novos papéis dos territórios com o advento da inovação tecnológica, da dinamização dos fluxos e do novo alcance dos sistemas de comunicação e transporte.

Para melhor esclarecer os temas e questões centrais a serem debatidos neste texto, algumas indagações são necessárias, quais sejam: como se organiza territorialmente a produção calçadista no estado de São Paulo? Ocorrem movimentos articulados e desarticulados de concentração/desconcentração industrial? Como passaram a se organizar os sistemas industriais localizados de calçados com a instauração dos processos de reestruturação produtiva? A atual configuração urbana e regional é uma reprodução das estratégias do passado? Ou há algo novo a se demonstrar, sobretudo do ponto de vista espacial?

A metodologia se baseia na investigação das novas relações estabelecidas na produção de calçados do estado de São Paulo, tendo como principal recorte os sistemas industriais localizados em Franca, Birigui e Jaú. Para isso, realizamos: a) levantamento bibliográfico e documental, com temas de interesse à pesquisa, em que destacamos os processos de reestruturação produtiva e territorial, os sistemas industriais localizados, a organização produtiva e as relações de trabalho, além dos circuitos espaciais da produção e dos círculos de cooperação; b) levantamento estatístico nas bases de dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), com informações sobre vínculos empregatícios e estabelecimentos calçadistas, por porte; c) elaboramos cartogramas capazes de evidenciar os processos territoriais em curso; e d) realizamos o trabalho de campo, que confirmou/redefiniu hipóteses iniciais levantadas.

O artigo objetiva contribuir para a investigação das mutações que perpassam o território, no momento em que é possível refletir sobre as novas relações estabelecidas entre agentes e ações, em múltiplas dimensões e escalas. As expressões de todas as transformações indicam uma leitura contemporânea da produção industrial em São Paulo e no Brasil, sob o prisma da pesquisa geográfica. São, assim, aspectos importantes da industrialização e da reestruturação territorial do presente e merecem um olhar aprofundado de interpretação.

2 Reestruturação produtiva e territorial na indústria de calçados do Brasil: a articulação entre sistemas industriais localizados e circuitos espaciais da produção

No Brasil, o processo de reestruturação produtiva e territorial na indústria de calçados foi intensificado a partir da década de 1990, em função da abertura econômica nacional, aliado às políticas que permitiram uma competitividade muito maior para empresas produtoras

localizadas fora do país. Segundo Navarro (2006), mudanças ocorridas neste gênero de produção, no período, incorporam adoção de novas técnicas organizacionais e subcontratação do trabalho, além da renovação do aparato tecnológico no processo produtivo.

Tudo isso implicou diretamente na intensificação das atividades, gerando incorporação técnica nas linhas de produção, reengenharia organizacional, redução dos custos com o trabalho formal, eliminação de vários postos de emprego e crescente informalidade nas contratações trabalhistas. Ademais, ampliaram-se as redes empresariais de subcontratação, com maior articulação entre firmas e crescimento da especialização produtiva de partes dos calçados por fábricas e oficinas.

A reconfiguração do mapa locacional do processo produtivo foi o resultado dessa reestruturação, marcada pela redistribuição de unidades de produção, tradicionalmente localizadas no Sul e Sudeste do país, em direção a outras regiões brasileiras, sobretudo o Nordeste. Assim, estados como Bahia, Paraíba e Ceará alteraram significativamente sua importância no contexto da produção nacional, no momento em que empresas calçadistas aproveitaram a mobilidade do capital industrial e usufruíram de inúmeras benesses da diferenciação territorial para dar mais lucratividade ao gênero produtivo, resultando numa guerra dos lugares (SANTOS, 2004).

O impacto também foi sentido nos estados tradicionais da produção de calçados, a saber São Paulo e Rio Grande do Sul, que sentiram forte refluxo na produção e na geração de empregos, desanimando investidores. No entanto, eles resistiram e não encerraram suas atividades produtivas, em especial porque continuaram a responder às exigências da competitividade nacional ou global, mesmo que o fizessem reestruturando suas bases produtivas e reconfigurando suas próprias características.

Entender os aspectos mais importantes da crise e da resistência da produção calçadista em São Paulo, objetivo deste artigo, passa por avaliar essa reconfiguração. É importante destacarmos os aspectos dos três principais municípios produtores de calçados no estado de São Paulo, isto é, Franca, Jaú e Birigui, que mesmo com as instabilidades, reafirmaram seus papéis centrais na produção e concentração de empregos do gênero calçadista nos últimos anos. Correspondem a sistemas industriais localizados que passaram a estabelecer relações cada vez mais transescalares (global/nacional/local), em especial no âmbito do processo produtivo no território, incorporando estratégias de racionalização/flexibilização e impondo mudanças na própria organização de seus espaços regionais.

Por sistemas industriais localizados (SILs), a partir de Reis (1988, 1992, 2004), compreendemos uma configuração regional ou local de empresas concentradas em torno de um, ou vários setores industriais. Eles operam com base em relações de produção e de trabalho peculiares e estão diretamente relacionados aos padrões locais de acumulação, estabelecidos através de articulações entre a produção industrial e a vida local.

Como os sistemas industriais localizados não apresentam iguais formas nos diversos lugares onde se materializam, é difícil enrijecer o conceito que os explica, ficando a apreensão do seu conteúdo muito mais vinculada à ideia de crescimento industrial difuso, com feições próprias e condições socioeconômicas relacionadas aos modelos locais predominantes de acumulação.

Seria o que Reis (1988, p. 137) chama de

um espaço de produção característico das formas de desenvolvimento intermédio e não metropolitano definido simultaneamente por: a) condições industriais próprias; b) formas de representação coletiva; e c) condições socioeconômicas e territoriais relacionadas com os modos de reprodução social predominantes.

Ainda segundo Reis (2004), eles se destacam como o resultado de um aglomerado regional ou local de empresas concentradas em torno de um ou vários gêneros industriais, com ou sem cooperação produtiva e comercial. Nestes, são expressivas as relações de vida local e de produção industrial com padrões de organização ligados aos referenciais localizados de acumulação.

Segundo Moraes e Schneider (2011), o desenvolvimento territorial é resultado de ações e reações dos atores sociais, das instituições e das sociedades locais, que tentam conduzir as atividades aproveitando os fatores produtivos disponíveis no próprio território, ou seja, seu potencial endógeno e, ao mesmo tempo, as oportunidades externas favoráveis.

Assim, um dado sistema localizado não pode ser controlado exclusivamente pela dinâmica ou pelos agentes da globalização. É preciso haver mecanismos internos de coordenação do sistema, que deem uma resposta satisfatória aos desafios que os agentes locais irão enfrentar. Da mesma maneira, os SILs precisam ter acesso aos fluxos externos, sejam tecnológicos ou de mercado, e ao movimento que ocorre fora da região, para não se fragilizarem por limitações endógenas, de tal maneira que precisam se apresentar como mediação entre os efeitos da globalização e as dinâmicas em escala local/regional (REIS, 2006).

Ao serem submetidos às forças exógenas da globalização, sem qualquer mediação com os agentes localizados, tem-se a materialização da reestruturação produtiva e territorial que

desqualifica as regiões e suas principais potencialidades. Trabalho, produto e agentes locais se enfraquecem, mesmo com uma destacada participação do sistema localizado na concorrência e na competitividade nacional ou global.

Desse modo, é importante estudar os sistemas industriais localizados em articulação com os circuitos espaciais da produção, que funcionam como base para compreender as dinâmicas do território a partir dos fluxos produtivos e de suas verticalidades. Os circuitos espaciais da produção compreendem as etapas produtivas de determinado produto, desde a obtenção da matéria-prima, a circulação de bens e o consumo final, a envolverem os subespaços que articulam a divisão territorial do trabalho (SANTOS, 1988; SANTOS e SILVEIRA, 2001; CASTILLO e FREDERICO, 2010; BOMTEMPO, 2011; ARROYO, 2012).

A operacionalização do circuito espacial da produção é proposta por alguns autores a partir dos círculos de cooperação (SANTOS e SILVEIRA, 2001, CASTILLO e FREDERICO, 2010; ARROYO, 2012), que são responsáveis pela conexão das diversas etapas da produção geograficamente distribuídas por intermédio dos fluxos de informação. Eles viabilizam a organização entre os agentes envolvidos nas atividades produtivas e a conexão das frações específicas do território a partir da expansão das redes técnicas de informação, portadoras de ordens e mensagens.

Assim, enquanto

os circuitos espaciais da produção, pressupõem a circulação de matéria (fluxos materiais) no encadeamento das instâncias geograficamente separadas da produção, distribuição, troca e consumo, de um determinado produto, num movimento permanente; os círculos de cooperação no espaço, por sua vez, tratam da comunicação, consubstanciada na transferência de capitais, ordens, informação (fluxos imateriais), garantindo os níveis de organização necessários para articular lugares e agentes dispersos geograficamente, isto é, unificando, através de comandos centralizados, as diversas etapas, especialmente segmentadas, da produção (CASTILLO e FREDERICO, 2010, p. 464 e 465).

Com esse instrumental teórico, no contexto das novas tendências e mudanças provenientes do processo de reestruturação produtiva e territorial, tentamos interpretar a indústria de calçados do estado de São Paulo, exatamente quando a mesma passa a articular sua produção em múltiplas dimensões e escalas. Vejamos como isso tudo se materializa.

3 Reestruturação produtiva e territorial na indústria calçadista de São Paulo: mudanças e permanências

A dinâmica imposta aos investimentos capitalistas nos últimos anos atingiu a indústria de calçados no Brasil e foi responsável por modificar sua organização produtiva e a comercialização do produto final. Além da flexibilização da produção, as vantagens oferecidas pelos territórios favoreceram os interesses privatistas e isso modificou o papel dos agentes envolvidos na organização produtiva e espacial da indústria. Mediante este quadro, o estado de São Paulo, nas últimas décadas, apresentou um movimento curioso para a indústria calçadista, na medida em que um novo perfil de estruturação produtiva foi estabelecido (PEREIRA JÚNIOR, 2015).

Essa dinâmica pode ser percebida pela significativa diminuição no número de empregos e um aumento no número de unidades produtivas. Ao analisarmos os dados, verificamos que o estado apresentou aumento no número de estabelecimentos industriais, passando de 2.764, em 1990, para 2.793, em 2015 (Tabela 1).

TABELA 1 – Número de estabelecimentos da indústria de calçados no estado de São Paulo por porte de empresa (1990 e 2015)

Porte da empresa* - 1990					Porte da empresa* - 2015				
Micro	Pequena	Média	Grande	Total	Micro	Pequena	Média	Grande	Total
2.321	321	101	21	2.764	2.395	368	58	08	2.793

Fonte: BRASIL, MTE/RAIS, 2016. Organização dos Autores, 2017.

*Microempresa: até 19 empregados; pequena empresa: de 20 até 99 empregados; média empresa: de 100 até 499 empregados; e grande empresa: acima de 500 empregados.

Ao mesmo tempo, houve um decréscimo de 31,5% no número de vínculos empregatícios, ou seja, apresentava 61.890 empregos formais no gênero de calçados em 1990, e sofreu redução para 42.367 em 2015 (Tabela 2). Assim, ao passo em que temos uma diminuição no número de empregos, há um aumento no número de estabelecimentos.

TABELA 2 – Estoque de empregos formais na indústria de calçados no estado de São Paulo por porte de empresa (1990 e 2015)

Porte da empresa* - 1990					Porte da empresa* - 2015				
Micro	Pequena	Média	Grande	Total	Micro	Pequena	Média	Grande	Total
8.842	13.357	18.327	21.364	61.890	9.200	15.912	11.660	5.595	42.367

Fonte: BRASIL, MTE/RAIS, 2016. Organização dos Autores, 2017.

*Microempresa: até 19 empregados; pequena empresa: de 20 até 99 empregados; média empresa: de 100 até 499 empregados; e grande empresa: acima de 500 empregados.

Para além desses dados mais gerais é importante apreendermos que o processo é ambíguo. As transformações engendradas pelo processo de reestruturação produtiva e territorial são identificadas, inicialmente, a partir dos números contraditórios no que tange aos estabelecimentos fabris e no número de vínculos empregatícios por porte.

Em 25 anos, observamos o crescimento no número de micro e pequenas empresas, quando, as primeiras, passaram de 2.321 para 2.395; e as últimas, de 321 para 368 (crescimento de 3% e 13%, respectivamente). Por outro lado, evidenciamos um saldo negativo no número de médias e grandes empresas. As médias apresentaram decréscimo de 42,5% (de 101 para 58 estabelecimentos) e as grandes de 62% (de 21 para 8 estabelecimentos) no período analisado.

No que diz respeito ao número de empregos formais, houve um crescimento de 4% e 16% nas micro e pequenas empresas (de 8.842 para 9.200 nas microempresas, e de 13.357 para 15.912 nas pequenas), enquanto isso, nas médias e grandes empresas, houve decréscimo de 36% e 74%, respectivamente. Ou seja, entre os anos de 1990 e 2015, nas médias empresas, passou-se de 18.327 para 11.660 vínculos formais; e nas grandes empresas, no mesmo período, de um total muito considerável, 21.364 empregos gerados, passou-se para apenas 5.595.

Temos então, nesse sentido, um efeito contraditório. Constatamos que as empresas que fizeram uso das estratégias de realocação territorial foram as grandes e médias, enquanto as micro e pequenas mantêm a produção no estado de São Paulo. Isso ocorre porque as empresas maiores aproveitam sua capacidade de efetivar a reestruturação já apresentada, uma vez que possuem relações estabelecidas com grandes marcas varejistas e atacadistas, ou mesmo com marcas internacionais. Por outro lado, as empresas menores parecem ampliar a contratação de funcionários, mas agora os empregam em linhas de produção cada vez mais flexíveis, sujeitando-os ao ordenamento da reestruturação produtiva nas linhas de produção. Estas empresas foram e são, apesar das muitas instabilidades, as responsáveis por sustentar a produção de calçados no estado de São Paulo.

Assim, todas as empresas sentiram inúmeras alterações, sobretudo aquelas vinculadas à redefinição das engenharias produtivas, à reorganização dos ritmos e sistemas de trabalho, à alteração nas formas de contratação dos empregos, à materialização de inovações tecnológicas e, finalmente, ao aprofundamento de estratégias de externalização do processo produtivo. Foram incrementadas nas características produtivas da indústria de calçados de São Paulo novas experiências com a subcontratação, as bancas, o trabalho domiciliar e informal, e a subdivisão das etapas produtivas, com a contratação mais frequente de micro e pequenas empresas (NAVARRO, 2006; LARA, 2007).

As alterações podem ser entendidas em função de um duplo comportamento assumido, de um lado, pelos grandes grupos empresariais, especialmente aqueles que se localizavam na capital e na Região Metropolitana de São Paulo; e por outro, pelos investimentos cuja origem está nos sistemas industriais localizados do interior. Tivemos, portanto, duas tendências de

reação aos ditames da reestruturação: 1 – aquela dos capitais calçadistas maiores, que deslocaram praticamente toda produção para outros estados; e 2 – aquela dos capitais que permaneceram em municípios paulistas e ainda configuram a espacialidade calçadista estadual. Há também empreendimentos que mesclaram as duas estratégias, como a Democrata Calçados ou a Agabê Calçados, mas elas correspondem a exceções no conjunto das transformações.

Isso ocorre principalmente devido à relação estabelecida entre as políticas de atração industrial desenvolvidas pelos governos estaduais que recebem investimentos e as empresas, que buscam cada vez mais ganhos em lucratividade. Mas são muitos os fatores que influenciam no deslocamento de investimentos e não somente benefícios fiscais. Entre eles, poderíamos destacar: 1 – a infraestrutura oferecida; 2 – o preço pago pela mão de obra, diga-se de passagem, já treinada para produção de calçados, uma vez que os funcionários dos empreendimentos anteriores são readmitidos; 3 – a falta de organização sindical; e, 4 – a expansão dos mercados, que possibilita usar os novos territórios ocupados como uma plataforma de exportação.

No entanto, há também empresas que ficam. Estas encontraram estratégias internas nas regiões para permanecerem, transformando os sistemas industriais localizados no estado de São Paulo em verdadeiros campos de resistência aos ditames da competitividade internacional, definidos pela globalização.

Esse processo foi intensificado pela desconcentração das atividades industriais, principalmente da Região Metropolitana de São Paulo, que estimulou a expansão dos investimentos em municípios distantes da capital. Porém, como informa Lencioni (1999), a desconcentração não significou uma descentralização do comando das forças de mercado, havendo assim, a diferença espacial dos lugares de gestão e produção.

Também é preciso deixar claro que, no âmbito desse processo, determinados gêneros produtivos do interior paulista, distantes do tecido urbano metropolitano, não nasceram da desconcentração das atividades metropolitanas de São Paulo (BOMTEMPO, 2011). Este, por exemplo, é o caso da indústria calçadista de muitos municípios paulistas, entre os quais está Franca. A evolução da atividade produtiva neste município, localizada longe da metrópole, teve início em meados do século XIX, no momento em que foram estabelecidos entrepostos comerciais no interior do estado com a chegada de imigrantes, sobretudo italianos. No entanto, diferentemente de muitas atividades econômicas produtivas paulistas, não foi capitalizada pela riqueza da elite cafeeira ou dos imigrantes burgueses (BARBOSA, 2006).

A Figura 1 mostra o efeito da evolução do número dos estabelecimentos e da quantidade de vínculos empregatícios em São Paulo no gênero de calçados entre 1990 e 2015. A partir dela,

realizamos análise da organização espacial dessas variáveis no período descrito. Como é possível observar, até a década de 1990, tínhamos dispersão dos estabelecimentos e empregos por todo o estado, distribuídos, em grande parte, através de micro e pequenas empresas, e apresentando maior concentração nos municípios de São Paulo, Franca, Birigui e Jaú.

Ao considerarmos os dados para 2015, percebemos um movimento de concentração em municípios tradicionais na produção de calçados e em suas regiões de influência, enquanto outros, que possuíam participação expressiva foram perdendo representatividade.

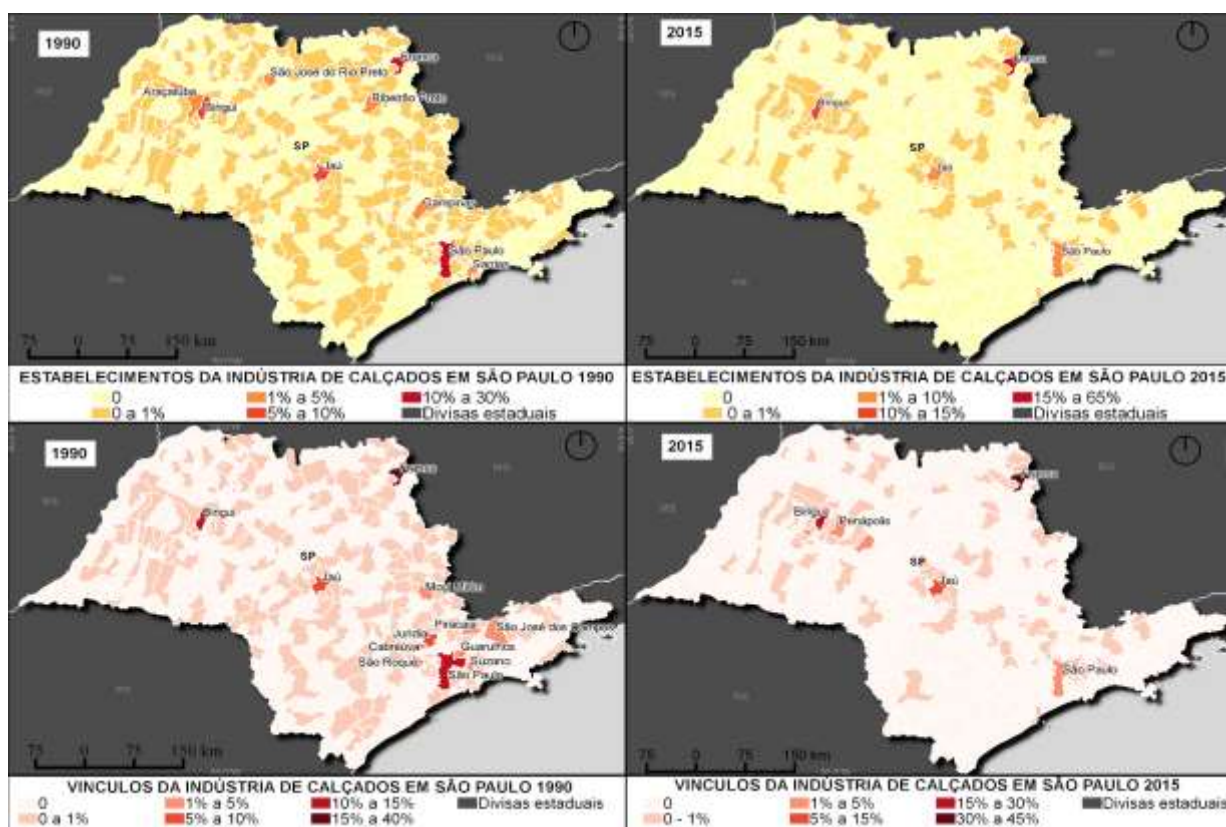
Assim, em 1990, as maiores concentrações eram entre 10% e 30%, e nesse caso, estavam na capital, São Paulo, que representava 23% do total, com 645 estabelecimentos. Franca, com 27% do total, reunia 769 estabelecimentos, correspondendo à maior concentração desta variável. Já no ano de 2015, o total de municípios que possuía menos de 1% dos estabelecimentos (entre 1 e 23 unidades) caiu 53% em relação a 1990, passando para 104.

A capital paulista, que antes era o segundo maior município em concentração, agora se encontra na faixa entre 1% e 10%, representando apenas 3% do total estadual, ou seja, uma redução de 86% em 25 anos (de 645 para 89 unidades). Enquanto isso, Jaú e Birigui aparecem na faixa de 10% a 15%. Jaú aparece com 10% do total de estabelecimentos, com um crescimento de 64% no período analisado (de 166 para 272 unidades). Birigui está com 14%, e apresenta crescimento de 141% (de 166 para 401 unidades). O grande destaque continua sendo Franca, que sozinho representa 60% do total de estabelecimentos, ou seja, um crescimento de 118% (de 769 para 1.679 unidades produtivas).

No que diz respeito ao número de vínculos empregatícios, em 1990, as três maiores concentrações eram São Paulo e Birigui, na faixa de 10% a 15%, representando 11% (7.177) e 13% (8.445) do total, respectivamente. E, por fim, Franca, sozinho na faixa de 15% a 40%, sendo responsável por 35% do total de vínculos do setor (21.949 trabalhadores).

Para 2015 a realidade dos vínculos empregatícios mudou. Houve redução para 96 no número de municípios a concentrar menos de 1% (entre 1 e 373) dos vínculos do estado. Na faixa de 1% a 5%, estão os municípios de Lins e Gabriel (531 e 455, respectivamente); e Penápolis e São Paulo (1.098 e 943). Lins, Gabriel e Penápolis aparecem como reflexo da expansão das atividades de Birigui. Já a capital, apresentou queda de 6.234 vínculos diretos (-87%), e boa parte desses vínculos estava diretamente ligada às grandes empresas realocadas, acarretando diminuição do número de estabelecimentos, em geral.

Figura 1: São Paulo - Espacialização da indústria de calçados por estabelecimentos e vínculos (1990 e 2015)



Fonte: BRASIL, MTE/RAIS, 2016. Organização dos Autores, 2017.

Além disso, é importante ressaltar a diminuição de muitos municípios que figuravam nas faixas acima de 1%, localizados próximos à região metropolitana, como Mogi Mirim (74), Cabreúva (0) e Jundiaí (3). Estes também eram municípios que possuíam grandes fábricas, que assim como as da capital, foram realocadas para outras regiões do país. Assim, em São Paulo e região metropolitana estavam a maior parte das grandes empresas que realizaram a realocação dos investimentos industriais, todos na década de 1990.

Temos o destaque dos três sistemas industriais localizados no estado de São Paulo (figura 2), quais sejam: 1) Jaú, na faixa de 5% a 15%, representa 11% do total estadual (4.754 empregos formais), com crescimento de 47% no período analisado; 2) Birigui, na faixa de 15% a 30%, com 23% do estado (10.948 empregos formais) e apresentando crescimento de 30%; e 3) Franca, embora com uma queda de cerca de 18% em relação ao ano de 1990, quando possuía 21.949 vínculos diretos, apresenta crescimento na participação dos vínculos de calçados no estado, com 42% do total (17.970 empregos formais).

A partir da interpretação dos indicadores, é possível perceber um movimento de maior polarização dos SILs paulistas, isto é, Franca, Birigui e Jaú, demonstrando a concentração presente nos municípios e em suas regiões de influência. Tornam-se, definitivamente, os

maiores produtores calçadistas do estado, e simbolizam as experiências sofridas por esta indústria em seu processo de adaptação às mudanças recentes. Neles também é possível encontrar crescente desenvolvimento de serviços informais, através da subcontratação e especialização de pequenas unidades produtivas.

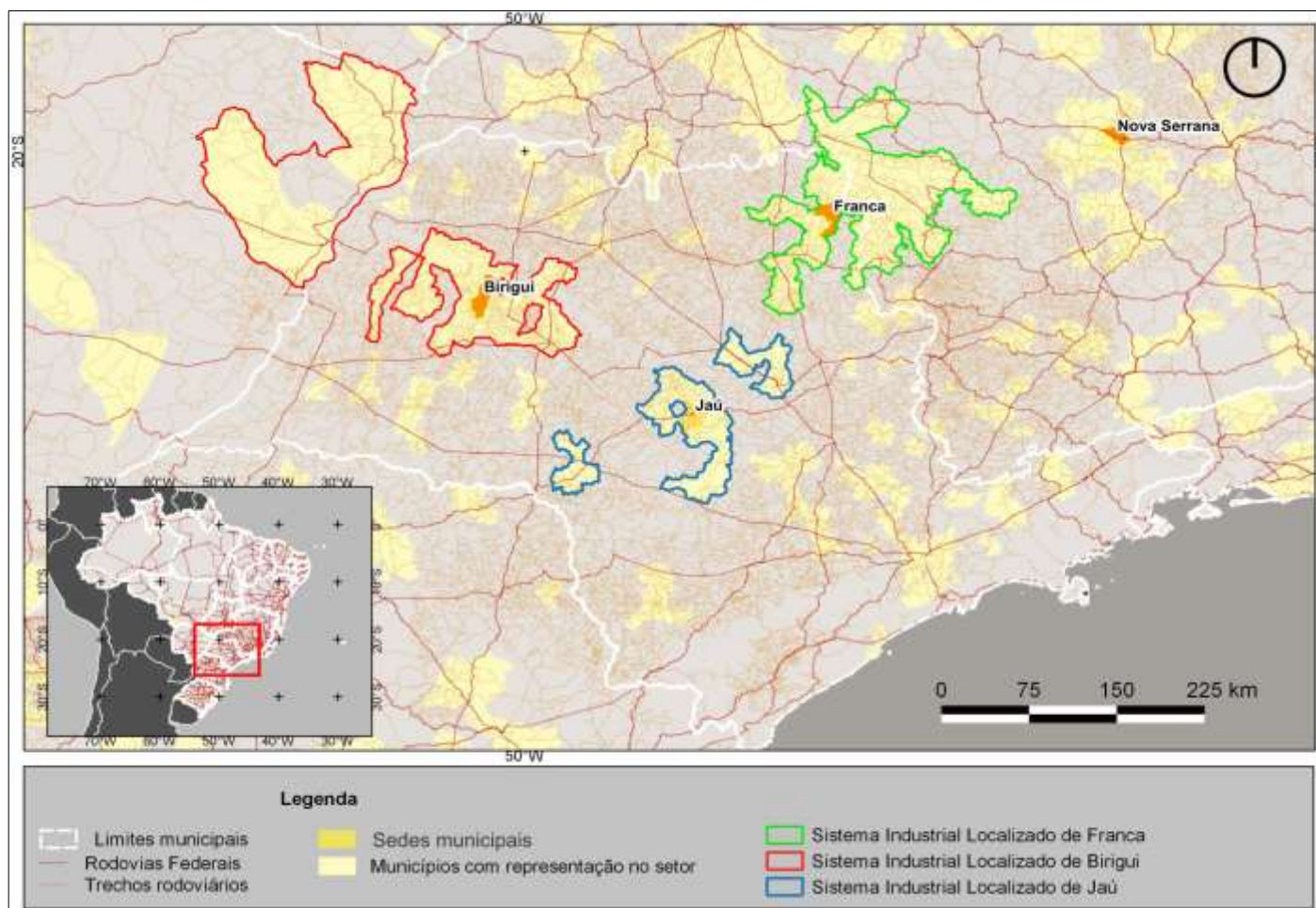
Portanto, Franca, Birigui e Jaú se consolidam como verdadeiros Sistemas Industriais Localizados (SIL) de calçados no estado. Além da força de aglomeração e de escala que apresentam em suas sedes municipais, as regiões de influência, no âmbito do gênero de calçados, servem de base para a utilização de medidas de racionalização da produção, mediante a expansão produtiva de micro e pequenas empresas.

Vejamos as características de cada um deles.

4 A resistência dos sistemas industriais localizados de Jaú, Birigui e Franca

Para avaliarmos as características gerais de cada sistema industrial localizado (SIL) de calçados no estado de São Paulo, começamos por selecionar os sistemas que vão dos mais modestos aos mais significativos, em termos de produção, área de abrangência e geração de emprego e renda. Deste modo, começamos com o SIL de Jaú, que sempre foi especializado na produção de calçados femininos; continuamos com Birigui, que cresce bastante sua participação produtiva; e concluímos com Franca, o maior destaque da produção calçadista de São Paulo, por isso, o Sil a receber a maior atenção neste artigo.

Figura 2: Sistemas industriais localizados de produção de calçados de São Paulo



Fonte: BRASIL, TEM/RAIS, 2016. Organização dos Autores, 2017

Todos eles revelam as características até então apontadas sobre mudanças no caráter produtivo que atinge a região e o território de calçados no estado

4.1 O sistema industrial localizado de Jaú

A indústria de calçados cresceu a partir do investimento de produtores locais e, passou a atrair diversos fornecedores de insumos, componentes e demais elementos que a fortaleceram, sempre considerando que a produção é concentrada em calçados femininos. O destaque passou a ocorrer a partir da década de 1980, com forte transformação do espaço urbano de Jaú e principalmente de seus habitantes, que começaram a trabalhar mais diretamente nas linhas de produção da indústria de calçado (ALVES, 2006).

Atualmente, possui 272 estabelecimentos industriais, com 4.754 empregos diretos, isso se considerarmos apenas os números para o município (MTE/RAIS, 2016). A produção

industrial de calçados é responsável por contabilizar 40% do Produto Interno Bruto (PIB) de Jaú, ao suprir 85% do consumo de calçados femininos paulista (SINDICALJAÚ, 2016). Segundo o Sindicato da Indústria de Calçados de Jaú (SINDICALJAÚ), a produção gira em torno de 60 mil pares/dia e extrapolou o mercado nacional ao ser exportada para países como os Estados Unidos, Emirados Árabes, Cuba, México, Canadá, França e toda América do Sul (SINDICALJAÚ, 2016).

Algumas empresas do gênero no município, com capacidade ociosa, planejam conquistar novos mercados, principalmente o mercado externo. Para isso, o Sindicato dos Calçadistas de Jaú desenvolveu, em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, Faculdade de Tecnologia – FATEC/Jaú e Unesp, uma pesquisa nas indústrias para compreender seus limites. Entre os principais pontos que foram levantados está o fato de que 86% dos fabricantes locais nunca exportaram. Apenas 4% já exportaram, mas pararam e somente 4% continuam vendendo seus produtos para o Mercosul, Europa e os Estados Unidos (SINDICALJAÚ, 2016).

No que diz respeito à região direta de influência de Jaú, podemos destacar os municípios de Bariri, Barra Bonita, Bernardino de Campos, Bocaina, Boracéia, Botucatu, Dois Córregos, Igarçu do Tietê, Itaju, Mineiros do Tietê, Pederneiras, Santa Cruz do Rio Pardo e Ubirajara.

4.2 O sistema industrial localizado de Birigui

Birigui está localizado na região Noroeste do estado de São Paulo, distante 537 km da capital, e se especializa na produção de calçados infantis. Hoje o município apresenta 401 empresas e 10.948 empregos diretos (MTE/RAIS, 2016). Direciona 85% da produção ao seguimento de calçados infantis, o que representa 52% deste ramo no Brasil, também exportando para a Argentina e o Chile (SINBI, 2017).

Com o desenvolvimento nos últimos anos, Birigui se tornou um dos mais importantes produtores de calçados do Brasil, sobretudo por ter desenvolvido um centro moderno de pesquisa e desenvolvimento. Os municípios vizinhos, apoiando projetos de geração de empregos, passaram a estimular a atração de estabelecimentos e hoje temos unidades produtivas de calçados em Alto Alegre, Araçatuba, Bento de Abreu, Barbosa, Bilac, Braúna, Buritama, Clementina, Coroados, Gabriel Monteiro, Glicério, Guaiçara, José Bonifácio, Lins, Mirandópolis, Pacaembu, Penápolis, Piacatu, Promissão, Rinópolis, Rubiácea, Santo Antônio de Aracanguá, Santópolis do Aguapeí e Valparaíso.

Além disso, há uma realocação de fábricas para municípios do estado de Mato Grosso do Sul. Como destaca Cícero (2011), empresas na região pautam estratégias espaciais tendo em vista as vantagens advindas da redução dos custos de produção, também por meio de incentivos fiscais, mão de obra barata e fornecimento de infraestrutura. Municípios como Três Lagoas (Klin e Kidy), Paranaíba (Pampili), Aparecida do Tabuado (Tip Toe) e Selvíria (Guimy), possuem filiais das empresas oriundas de Birigui.

Todos os municípios se encontram às margens de uma rodovia federal, a BR 158, um facilitador de acesso aos caminhões que realizam o trajeto diariamente, carregados de cabedais do calçado a serem finalizados nas unidades localizadas em Mato Grosso do Sul (CÍCERO, 2011).

4.3 O sistema industrial localizado de Franca⁴

O último e mais tradicional dos três sistemas industriais localizados é o de Franca, com sua importante região de influência. Está situado à nordeste do estado de São Paulo, e representa a maior produção de calçados masculinos de couro, atualmente com 1.679 estabelecimentos industriais, em especial micro e pequenas empresas. Também apresenta número considerável de bancas⁵, que dão suporte à produção das empresas maiores. Apresenta 17.970 empregos formais (MTE/RAIS, 2016), um conjunto de trabalhadores responsáveis por produzir 30 milhões de pares/ano e arrecadar US\$ 23,4 milhões. Atualmente, tem 85% da produção direcionada ao mercado interno, e exporta para mais de 60 países, sobretudo para os Estados Unidos, que são responsáveis por importar 30% do produzido no município (SINDIFRANCA, 2017).

A resistência deste SIL, assim como dos outros dois, não foi possível sem que fossem incorporadas a disjunção funcional, a desintegração vertical e a integração horizontal como estratégias de produção. Assim, o processo de reestruturação produtiva e territorial impacta

⁴ No que tange às informações apresentadas nesta seção, agradecemos a contribuição de inúmeros entrevistados que auxiliaram sobremaneira na interpretação do desenvolvimento da indústria de calçados em Franca durante o trabalho de campo realizado no primeiro semestre de 2017. É preciso deixar claro que nos responsabilizamos por eventuais erros ou omissões que possam ter ocorrido. Destacamos as entrevistas realizadas com o Prof. Dr. Agnaldo de Sousa Barbosa, com o Prof. Dr. Alexandre Marques Mendes, com a Profa. Dra. Edvânia Ângela de Souza Lourenço (UNESP - Franca), com o Prof. Dr. Hélio Braga Filho (Uni-Facef – Franca), com a Profa. Dra. Silvia Selingardi Sampaio (UNESP – Rio Claro) e com a Profa. Dra. Vera Lúcia Navarro (USP – Ribeirão Preto).

⁵ As bancas são unidade produtivas (oficinas de trabalho) que prestam serviços à indústria de calçados, tendo um porte variado. De forma geral, são especializadas em realizar determinadas tarefas que fazem parte do núcleo principal da produção calçadista, como o corte, o pesponto etc. (NAVARRO, 2006).

diretamente na forma de organização industrial e sobre o trabalho, dispersando os processos produtivos no espaço e incorporando novas formas de subcontratação de trabalho e de funções.

No momento em que a produção passa por uma disjunção funcional e sua organização se utiliza de medidas flexíveis a partir da externalização de etapas produtivas, a indústria calçadista ganha novos arranjos territoriais. No entanto, com a possibilidade de subcontratar todas as atividades que fabricam partes dos calçados, ocorre ampla desintegração vertical da produção, o que torna os circuitos espaciais da produção e os círculos de cooperação dos calçados mais complexos. De igual maneira, as transformações repercutem na divisão regional do trabalho, alternado o papel da cidade de Franca na relação com os municípios da região.

No caso de Franca, há uma região que envolve municípios em dois estados, em São Paulo e Minas Gerais, o que deixa o SIL mais peculiar. Com a transferência parcial ou total da produção para empresas subcontratadas ou bancas, há o estabelecimento não apenas de uma concentração, mas de uma centralização de comando e de gestão da atividade calçadista regional. Isso ocorre porque quem define as relações são as maiores empresas, e estas permanecem sediadas em Franca.

Assim, Franca tem apresentado um novo quadro produtivo também ao nível regional, o que inclui um dado novo, pois muitos municípios que estão diretamente relacionados à produção de calçados, ao compararmos as mudanças entre 1990 e 2015, são de Minas Gerais. No intuito de organizar uma análise da centralidade de Franca em São Paulo e Minas Gerais, elaboramos uma relação de sua capacidade de concentração nos dois estados. Assim, se Franca, em 1990, exercia influência em pouco mais de 19% dos estabelecimentos nos dois estados, a partir de 2015 essa centralização subiu para 40% dos estabelecimentos (MTE/RAIS, 2016).

É possível perceber, então, que algumas empresas de Franca passaram a fazer uso da região para produzir partes dos calçados, tendo em vista que este, parte e retorna da/para a cidade para ser iniciado/montado/finalizado. Os circuitos espaciais da produção e os círculos de cooperação têm uma ampla articulação regional, sobretudo envolvendo agentes econômicos e políticos múltiplos e empresas dos mais diferentes portes.

Podemos tomar como exemplo a empresa Freeway. Ela produz diariamente cerca de sete mil pares de calçados e seu processo produtivo está articulado com a matriz, montagem e Centro de Distribuição (CD), em Franca. Outras partes do calçado, por sua vez, são produzidas em municípios de Minas Gerais, como Sacramento, Ibiraci, Pratápolis, São Sebastião do Paraíso e São Tomás de Aquino, além de uma unidade produtiva em Jacobina (BA), que produz

todo o sapato. Essa disjunção funcional acarretou uma diminuição do número de trabalhadores da empresa em Franca, que passou de dois mil (1990) para cerca de 600 (2017)⁶.

A divisão territorial da produção e do trabalho demonstra a centralidade da matriz da empresa, que comanda todos os processos, mas também a importância da cidade de Franca como SIL de calçados de couro. Assim, até mesmo a unidade da Freeway na Bahia, que produz o calçado completo, possui uma ligação intrínseca com Franca, que envolve tanto os comandos da matriz, como a obtenção de insumos. Isso também acontece com os calçados da firma que são produzidos nos municípios de Minas Gerais.

Nesse sentido, a discussão sobre a regionalização da produção calçadista ganha destaque, uma vez que as relações ultrapassam os limites políticos administrativos, como apresentado na Figura 3. Em geral, a atração de filiais dessas empresas, bancas, ou o direcionamento de trabalho familiar e não-formalizados, refletem na diminuição dos empregos formais. Esse movimento é realizado por grandes e médias empresas que buscam diminuir os custos de produção, melhorando produtividade e competitividade.

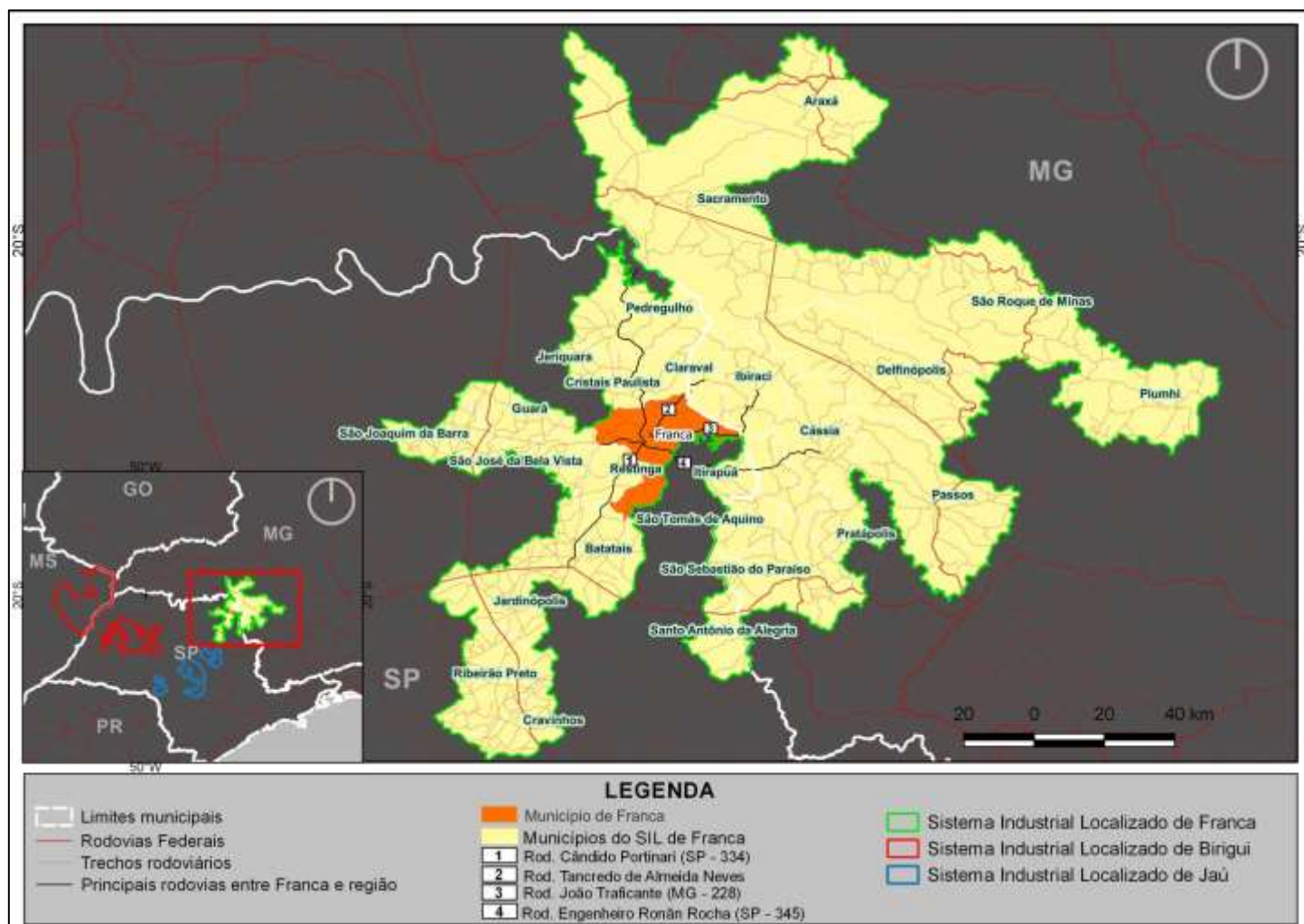
As empresas de Franca, nesse contexto, usam a região como mecanismo de competitividade, extraindo vantagens nos custos de produção. Assim como em outras relações espaciais estabelecidas entre empresas e território, nesse caso também é possível destacar fatores de atração importantes, tais como: a) incentivos fiscais (ICMS de 2% para empresas produtoras de calçados em Minas Gerais); b) preço pago pela mão de obra, uma vez que a maior parte desses municípios tem tradição rural, com modesta produção agrícola e trabalho barato; c) fornecimento de infraestrutura (as empresas são atraídas por terrenos baratos, doação de lotes ou a própria construção de galpões); d) transporte das partes dos calçados para serem finalizados no município (feito por carros das prefeituras de municípios mineiros); e, por fim, e) a falta de cobertura sindical aos trabalhadores dos municípios mineiros em relação às empresas de Franca.

Os municípios diretamente relacionados com a produção conformam um SIL bem articulado, que para se consolidar articula diferentes dimensões escalares. Fazem parte, no estado de São Paulo: Batatais, Cravinhos, Cristais Paulista, Guará, Itirapuã, Jardinópolis, Jariquera, Pedregulho, Restinga, Ribeirão Preto, São Joaquim da Barra e São José da Bela Vista. Em Minas Gerais, Araxá, Capetinga, Cássia, Claraval, Delfinópolis, Ibiraci, Passos, Piumhi, Pratápolis, Sacramento, São Roque de Minas, São Sebastião do Paraíso e São Tomás de Aquino. Eles agora são a base da produção de muitas empresas de calçados de Franca.

⁶ Dados obtidos durante o trabalho de campo, realizado no primeiro semestre de 2017.

Além disso, é importante destacar o papel das infraestruturas rodoviárias nessa relação com os municípios vizinhos. Além da Rodovia Cândido Portinari (SP- 334), que dá acesso aos municípios de Cristais Paulistas e Pedregulho, outras rodovias são importantes para garantir o direcionamento da produção para municípios próximos, em especial aqueles localizados no estado de Minas Gerais, como a Rodovia Tancredo de Almeida Neves, em direção à Claraval (MG); a Rodovia João Traficante (MG-328), em direção à Ibiraci (SP); A Rodovia Engenheiro Ronan Rocha (SP-345), em direção à Itirapuã (SP), que depois vira Rodovia MG-444, em direção à Capetinga (MG) e Cássia (MG).

Figura 3: Expansão regional do sistema industrial localizado calçadista de Franca (SP)



Fonte: Trabalho de campo. Organização dos Autores, 2017

Por esse motivo, o fortalecimento dos SILs de calçados no estado de São Paulo demonstra a resistência daquilo que Selingardi-Sampaio (2009) denomina de espacialidades industriais de dispersão. De igual maneira, atestamos também uma forte centralização, uma vez que todas as empresas dos SILs são de capitais locais e prezam pela manutenção de suas matrizes de produção nos municípios de origem. Há uma concentração estendida da indústria (SELINGARDI-SAMPAIO, 2009) em vários municípios do estado de São Paulo, mas também por municípios de outros estados, como os de Minas Gerais, através de uma divisão técnica e social do trabalho, ampliando os circuitos espaciais da produção e os círculos de cooperação, a envolverem os municípios das regiões de influências.

Dessa forma, os SILs apresentam forças motrizes exclusivas, que fortalecem suas permanências na produção de calçados. Além disso, contam com o aproveitamento das economias externas geradas pela concentração industrial e de serviços, com indústrias de

componentes e fábricas de máquinas e equipamentos, além de centros de pesquisas e desenvolvimento, profissionalização de jovens e adultos voltados à fabricação dos calçados e à instalação de empresas nos municípios próximos.

Franca, pela sua especificidade, e por possuir todas essas vantagens com uma força superior a todos os outros SILs de produção, tende a centralizar, cada vez mais, a produção industrial paulista de calçados.

5 Considerações finais

Neste artigo, tratamos das alterações decorrentes da reestruturação produtiva e territorial na indústria de calçados no estado de São Paulo, a partir da década de 1990. Deste modo, temos um novo quadro produtivo, uma vez que as maiores empresas passaram a buscar em outras regiões vantagens necessárias, com intuito de estabelecer novas redes de relações, na busca do aumento das taxas de lucratividade.

Os sistemas industriais localizados, por sua vez, aproveitam suas economias externas, articulam uma produção cada vez mais dispersa e comandam verdadeiras regiões produtoras. Assim, Franca, Birigui e Jaú, apresentam novas articulações espaciais e reagem aos novos ditames da competitividade internacional, sobretudo ao combinar, no que tange aos aspectos produtivos, formas de produção fordistas e flexíveis; mas também, no âmbito espacial, expansão e centralidade nas suas regiões de influência, conformando regiões de produção de calçados.

No caso de Franca, o fenômeno se dá a partir de uma multidimensionalidade de relações a envolver inúmeros agentes econômicos, sociais e políticos. Em escala regional, empresas de médio e grande porte externalizam etapas produtivas para municípios próximos, também no estado de Minas Gerais, aproveitando vantagens oferecidas por agentes públicos ou pela população local, tais como transporte de materiais, infraestrutura, falta de cobertura sindical, isenção ou redução de impostos e, principalmente, o preço pago pelo trabalho.

Essa articulação faz com que os circuitos espaciais da produção e os círculos de cooperação ganhem complexidade, combinando disjunção funcional e diferenças territoriais, garantindo a reprodução do processo que amplia o crescimento industrial. É dessa maneira que os sistemas industriais localizados reagem face a uma série de dificuldades relacionadas à

manutenção do sistema endógeno, mas também à própria competitividade de empresas em escala local, nacional e global.

Referências

ALVES, Márcia Cristina. **Arranjos produtivos locais:** o caso das indústrias e calçados femininos de Jaú. 2006. 234f. Tese (Doutorado em engenharia de produção) – Faculdade de Engenharia, Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Metodista de Piracicaba, Santa Bárbara d’Oeste, 2006.

ARROYO, Mónica. Circuitos espaciais de produção industrial e fluxos internacionais de mercadorias na dinâmica territorial do estado de São Paulo. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, SP, v.2, n.1, p.7-26, 2012.

BARBOSA, Agnaldo de Sousa. **Empresariado fabril e desenvolvimento econômico:** empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado (Franca, 1920 – 1990). São Paulo: HUCITEC, 2006. 278p.

BOMTEMPO, Denise Cristina. **Dinâmica territorial, atividade industrial e cidade média:** as interações espaciais e os circuitos espaciais da produção das indústrias alimentícias de consumo final instaladas na cidade de Marília – SP. 2011. 455 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

BRASIL. Ministério do Trabalho e do Emprego. **Base de dados estatísticos: RAIS/CAGED.** Brasília, 2016. Disponível em:< <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/login.php>>. Acesso em: 5 out. 2016.

CASTILLO, Ricardo; FREDERICO, Samuel. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 22, n. 3, p. 461-474, dez. 2010.

CICERO, Elaine Cristina. **A indústria de calçados de Birigui:** origem, reestruturação produtiva e formação de uma economia de aglomeração. 2011. 170 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

FISHER, André. **Industrie et espace géographique :** introduction à la géographie industrielle. Paris: Masson, 1994. 137p.

LARA, Ricardo. O trabalho invisível em Franca - SP. In: CANÔAS, J. W. (Org.). **Nas pegadas do sapateiro:** 65 anos do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Calçados. Franca, SP: UNESP, 2007. p. 233-327.

LENCIONI, Sandra. Mudanças na metrópole de São Paulo e as transformações industriais. In: SPOSITO, Eliseu Savério (Org.). **Dinâmica econômica, poder e novas territorialidades.** Presidente Prudente: GASPERR, 1999. p.100-114.

MORAES, Jorge L. Amaral de; SCHNEIDER, S. Sistemas produtivos localizados (SPLs) como mecanismo de regulação e governação das dinâmicas socioeconômicas dos territórios. **REDES**, Santa Cruz do Sul, RS, v. 16, n. 1, p. 90 - 10, jan./abr. 2011.

NAVARRO, Vera Lúcia. **Trabalho e trabalhadores do calçado**: a indústria calçadista de Franca (SP): das origens artesanais à reestruturação produtiva. São Paulo: Expressão Popular, 2006. 304p.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson. **Território e economia política**: uma abordagem a partir do novo processo de industrialização no Ceará. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. 478 p.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson. A indústria de calçados no Brasil diante da reestruturação territorial e produtiva. In: SPOSITO, Eliseu Savério (Org.). **O novo mapa da indústria no início do século XXI**: diferentes paradigmas para leitura das dinâmicas territoriais do estado de São Paulo. 1. Ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015. p. 153 – 200.

REIS, José. Território e sistema produtivos locais: uma reflexão sobre as economias locais. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Portugal, n. 25 e 26, 1988.

_____. **Os espaços da indústria**: a regulação econômica e o desenvolvimento local em Portugal. Porto: Edições Afrontamento, 1992.

_____. Estado, mercado e comunidade: A economia portuguesa e a governação contemporânea, **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 70, p. 81-100, 2004. Disponível em: <<http://rccs.revues.org/1050>>. Acesso em: 12 jun, 2017.

_____. Uma epistemologia do território. In: Instituto Superior de Economia e Gestão (Org.). **Ensaios de homenagem a António Simões Lopes**. Lisboa: Instituto Superior de Economia e Gestão, 2006. p. 353-366.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004. 260 p.

SANTOS, Milton. SILVEIRA, María Laura. **O Brasil**: Território e sociedade no início do século XXI. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 476 p.

SELINGARDI-SAMPAIO, Silvia. **Indústria e território em São Paulo**: a estruturação do Multicomplexo Territorial Industrial Paulista: 1950-2005. Campinas, SP: Alínea, 2009. 480 p.

SINDICATO DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS DE BIRIGUI. **Notícia SINBI**. Birigui, São Paulo, SP. 2017.

SINDICATO DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS DE FRANCA. **Relatório Mensal**: Nicc polo Franca. Franca, SP. 2017.

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS DE JAÚ. **História do calçado**. Jaú, SP. 2016. Disponível em: <<http://sindicaljau.com.br>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

SUZIGAN, Wilson et al. Clusters ou Sistemas Locais de Produção: mapeamento, tipologia e sugestões de políticas. **Revista de Economia Política**, Porto Seguro, v. 24, n. 4, out./dez. 2004.